

COMPARTILHANDO EM ATELIÊS: VIVÊNCIAS ACERCA DAS VIOLÊNCIAS PSICOLÓGICAS NA ESCOLA DE ENSINO INTEGRAL

SHARING ON ATELIERS: EXPERIENCES ABOUT PSYCHOLOGICAL VIOLENCE IN INTEGRAL
EDUCATION SCHOOL

Bianca Kapp Cardoso¹

Rafaela Maria Rodrigues²

Silveliana Silvina Silva³

Raiane Silva Sousa⁴

Caroline dos Santos Spindola⁵

Jhenifer Cristine Sanches Dos Santos⁶

Universidade Federal de São Carlos

RESUMO: Este relato de experiência objetiva refletir sobre as violências psicológicas ocorridas na perspectiva do mundo, do Eu e da escola. Esta pesquisa-intervenção foi realizada com estudantes de Ensinos Fundamental e Médio de uma escola estadual de Ensino Integral, no interior paulista, durante o 1º semestre de 2019. Trabalhar com a disciplina eletiva intitulada “Compartilhando em ateliês: (con) vivências” justificou-se devido ao caráter emergencial de intervenção sobre as situações de violências que ocorrem em escolas públicas, principalmente, quando estas são ignoradas e os discentes são excluídos ou marginalizados. O grupo foi denominado “Nós e os corpos” com objetivo de discutir violência psicológica, além de buscar mudanças na relação sujeito e objeto presentes na subjetividade do aluno. A disciplina eletiva pôde ajudar os adolescentes a ressignificar sentimentos e vivências, mudando a compreensão e ação a respeito dessa violência que pode passar despercebida, mas causa sofrimentos que perduram. Articulando entre conversas sobre a violência psicológica e produções artísticas, os discentes compartilharam e tiraram dúvidas que antes, diante do cotidiano escolar, não tinham espaço para fazer.

Palavras-chave: Violência Escolar; Violências Psicológicas; Ensinos Fundamental e Médio.

ABSTRACT: This experience report is a reflection about psychological violences through ateliers held during the 1st semester of 2019, with Elementary and High School students of a State School of Integral Education, a São Paulo's inland city. Work on an elective discipline – “Compartilhando em ateliês: (con) vivências”- was justified due to the emergency of an intervention, as a result of the naturalization of violent situations that occur in schools, especially when these are ignored and the students are excluded or marginalized. The group was named “Nós e os corpos”, to discuss psychological violence. The purpose was to seek changes in the relationship between subject and object in the student's subjectivity. We observe the involvement and empathy of the group in each manifestation of colleagues,

1 Graduanda em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal de São Carlos.

2 Graduanda em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Bolsista de Iniciação Científica (CNPq).

3 Graduanda em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal de São Carlos.

4 Graduanda em Bacharelado em Psicologia pela Universidade Federal de São Carlos.

5 Graduanda em Bacharelado em Psicologia pela Universidade Federal de São Carlos. Bolsista de Iniciação Científica (FAPESP).

6 Graduanda em Bacharelado em Psicologia pela Universidade Federal de São Carlos.

also the discipline could help them to resignify feelings and experiences, understanding and acting about the violence, that cause lasting suffering. From conversations about the psychological violence and artistic productions, the students felt comfortable sharing and also asking questions that on the school daily they had no space to make.

Keywords: School Violence; Psychological Violence; Primary and Secondary Education.

INTRODUÇÃO

Articulando pesquisa e extensão, o Grupo de Estudo e Pesquisa de Educação Subjetividade e Cultura (GEPESC) - com graduandos de Psicologia, Pedagogia, Física, Artes e Música da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) -, teve a oportunidade de atuar em uma Escola Estadual de Ensino Integral, localizada em um município de médio porte do interior de São Paulo. O objetivo deste relato de experiência foi de refletir sobre as violências psicológicas em ateliês realizados durante o 1º semestre de 2019, com os estudantes de Ensinos Fundamental (Anos Finais) e Médio.

As escolas Estaduais de Ensino Integral fazem parte do Novo Programa de Ensino Integral da Secretaria Estadual de Educação do Governo do Estado de São Paulo, atendendo alunos do 6º ao 9º anos (Ensino Fundamental Anos Finais) e Ensino Médio no período integral, por isso oferecem disciplinas de uma matriz curricular regular, além de possibilitar aos estudantes a escolha de *disciplinas eletivas* conforme seus projetos de vida. Devido a essa particularidade, pudemos participar ao longo de 15 semanas de uma disciplina eletiva intitulada “*Compartilhando em ateliês: (com)vivências*”.

A disciplina eletiva justificou-se pelo ao caráter emergencial de intervenções sobre as situações graves que vêm acontecendo nas escolas públicas envolvendo estudantes, principalmente, quando estes são ignorados, excluídos ou marginalizados pela sociedade. A noção da violência como um recurso capaz de aliviar seus sentimentos indesejados faz com que a vítima torne-se agressor. A disciplina possibilitou uma reflexão contextualizada acerca dos conceitos de violências, incivildades e conflitos, bem como promoveu intervenções teórico-práticas, no contexto escolar dos alunos, de modo a repertoriar vivências.

A disciplina foi planejada a partir das áreas de Ciências Humanas (CH: 24,60%) e Linguagem e Códigos (LC: 21,80%), levando em consideração não apenas uma abordagem conceitual sobre os tipos de violência, mas também uma análise histórico-sociológica micro e macrocômica da violência na sociedade (local e nacional), que propõe desconstruir a naturalização das formas de violência. Houve também a proposta de produções literárias e artísticas confeccionadas pelos próprios alunos, acerca de suas vivências grupais e por meio de um recorte teórico-metodológico promovido. Os conteúdos abordados e as experimentações vivenciadas ajudaram a acrescentar conhecimentos para as duas áreas do conhecimento.

Versando arte e violências, os ateliês constituíram espaços de produção de arte e subjetividade, em que é proposta a mudança da relação entre o aluno e as violências psicológica, verbal, simbólica e física. Para ambas as turmas foram designados 4 alunos graduandos da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) que acompanharam e mediaram a disciplina durante o semestre. A seguir, os tipos de violências e as linguagens artísticas que foram trabalhadas:

1. Violência Física: ateliê *Espaços do eu* – movimento, dança e teatro;
2. Violência Psicológica: ateliê *Nós e os corpos* – pintura, desenho e atuação;
3. Violência simbólica: ateliê *A invisibilidade de quem vê* – fotografia e audiovisuais;
4. Violência verbal: ateliê *Comunicação dos silêncios* – sons, música e ritmos.

Após a divisão, por sorteio, foram formados quatro grupos de adolescentes contendo, em média, nove alunos. Para realização do primeiro exercício as regras foram: cada grupo deve escolher seu nome, sendo algo que identifique-o. Os facilitadores propuseram mediações como o toró de ideias (que consiste na escrita, durante um minuto, daquilo que se pensa sobre determinado assunto) buscando identificar algo que fizesse sentido para o grupo, com uma sigla. Após exporem as diferentes ideias, o grupo votou e escolheu o nome. Em seguida, foi feita uma foto que o caracteriza-se, com possibilidade de escolher qualquer local da escola. A escolha foi feita de forma coletiva, priorizando a imagem que o grupo queria ter. A fotografia foi capturada pelos próprios alunos da escola. Nem o(a) mediador(a), nem os(as) professores(as) se manifestaram em relação às escolhas, mas puderam conduzi-las de forma a garantir que a ideia fosse coletiva e aprovada pelo grupo, evitando que um ou outro aluno se sobressaísse. Ressalta-se que foram respeitadas as questões éticas, isto é, o nome não poderia depreciar ninguém ou o próprio grupo.

O grupo se manteve em sua formação original até o final do semestre. Foram conduzidos para os 4 ateliês, acontecendo as trocas após 3 semanas, sendo assim, em 12 semanas, todos os grupos participaram dos 4 ateliês de cada violência. Tratou-se das violências no âmbito da escola, do mundo, e das relações interpessoais. As três últimas semanas serviram para planejamento e execução da culminância, ocorrida no encerramento de cada semestre, com o objetivo de proporcionar integração entre alunos de todos os níveis de ensino da escola e partilhar os conhecimentos adquiridos entre eles. Este costuma ser o momento em que os estudantes compartilham com toda a escola e com a comunidade tudo que aprenderam, debateram e desenvolveram durante o semestre nas eletivas que escolheram.

A disciplina eletiva “Compartilhando em Ateliês: (con) vivências” teve os seus exercícios elaborados pelo GEPESC e foram inspirados no Cadernos do Inventar (MIGLIORIN, 2014), envolvendo arte, movimentos, músicas e fotografia. Além do uso de materiais como tintas, carvão, poemas, instrumentos musicais, dentre outros. Os alunos do GEPESC buscaram proporcionar aos estudantes outros repertórios para trabalhar as relações interpessoais e intrapessoais, centrados, principalmente, em conversas suscitadas pelos adolescentes.

De acordo com os alunos da eletiva, inúmeras são as formas de violência presente no cotidiano escolar. A forma de violência apontada como mais frequente foi a simbólica, presente durante as aulas e desencadeadora de conflitos que, quando não resolvidos, manifestam-se como violências verbais ou físicas. Tais concepções condizem com a própria natureza do fenômeno, que é multifacetado e polissêmico. Com a proposta de melhorar a convivência na escola e diminuir as violências, promoveu-se nos ateliês espaços de fala, criação, e respeito à subjetividade de cada aluno.

Assim, buscou-se promover momento de autoconhecimento, interpretar textos e audiovisuais de acordo com o tema, desenvolver trabalho em equipe, analisar um texto e um vídeo em diferentes situações de comunicação, propiciar reflexão sobre temas abordados, trabalhar textos verbais e não verbais, produzir de forma

artísticas resultados do que se aprendeu, identificar formas de apropriação textual e não textual, promover a autonomia e criatividade estética do “aluno-artista”, articular conhecimentos aprendidos com conhecimentos prévios, identificar o sentido geral de um tema e relacioná-lo a outro. Por meio de oficinas práticas: atuação e trabalho com o audiovisual na escola; fomentar formas de linguagem e expressões – partir do contexto escolar e se reinventar em modos artísticos; investigar modos de repensar e recriar linguagens na escola e em seu conjunto de relações sociais e pedagógicas.

O fato dos estudantes ficarem em tempo integral na escola fazia com que as relações entre professores-alunos e alunos-alunos se tornassem desgastadas. A facilidade de alguns discentes serem opressores ou oprimidos torna-se revelador nas imagens, o que indica certa naturalização das violências. Alguns estudantes relatam situações que vivenciaram na escola que escaparam aos olhos de professores e gestores. Muitos estudantes não percebem a violência dentro da escola e acreditam que são os culpados por todas as coisas que acontecem de errado.

Segundo Rocha e Aguiar (2003), a pesquisa-intervenção visa a transformação como produto da mudança da relação entre o sujeito e objeto. Dos norteadores desse modelo de pesquisa, destacam-se a ruptura do paradigma da neutralidade do investigador e a produção concomitante do sujeito e do objeto. Seguidamente, a intervenção se junta à pesquisa para produzir outras relações entre os sujeitos, à teoria e à prática. De modo a, incessantemente, reformular as vivências, explicitando as relações de poder e desnaturalizando preceitos pela construção de análises individuais e coletivas. Nesses momentos, rompe-se com as limitações entre o indivíduo que reconhece o objeto a ser pesquisado, ao modo como é ofertado, à totalidade da intervenção como análise da implicação, culminando na necessidade do olhar atento às reformulações, visando manter a finalidade do que é proposto.

Para Serrano-Garcia e Collazo (1992), os processos investigativos e intervencionais são simultâneos, pois, durante o processo de pesquisa “desde o momento em que uma pessoa começa a fazer indagações, altera, de forma mínima ou máxima o ambiente e as pessoas que a rodeiam” (SERRANO-GARCIA; COLLAZO, 1992, p. 218); prosseguem discorrendo que toda pesquisa implica uma intervenção é particularmente válida, desde que apresentem uma intencionalidade de mudança; e reforçam que se deve considerar respeito à todos os corpos que participam do processo, para entrever o caráter participante desse tipo de investigação.

Quando analisamos a disciplina eletiva e os exercícios dos ateliês, entendemos que não há necessidade de se procurar as raízes da agressão e da violência dentro dos sujeitos, como afirma Martín-Baró (1997). Para Oliveira e Martins (2007), existem muitas causas que levam os sujeitos a utilização da violência:

A agressão e a violência podem ser encontradas nas circunstâncias em que vivem, atribuindo ao fato das pessoas se verem frustradas em seus desejos e vontades ou, ainda, pelo fato de terem aprendido a alcançar seus objetivos através da utilização da violência, o que confere à agressão e à violência um caráter encontrado e assimilado na sociedade, através das relações entre os indivíduos (OLIVEIRA; MARTINS, 2007, p. 92).

Segundo Piva e Sayad (2000), os aspectos psicológicos são o segundo maior responsável pelo aumento da violência, sendo considerada a mais frequente entre os

juvenis. Muitas vezes, ela é responsável pela situação de violência física que acontece na escola, por não terem sido detectadas e trabalhadas antes de ocorrer agressão física. Para Riolfi (1999), os sujeitos têm dificuldades de apontar as ponderações mais objetivas do seu cotidiano, e por isso, muitas vezes, suas ações não correspondem aos conceitos que possuem, comprovando que há dificuldade de educadores e educandos em posicionar-se diante de problemas desta natureza, principalmente, na atuação do seu dia-a-dia.

NÓS E OS CORPOS - VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA

A violência se faz presente em qualquer sociedade e se adapta de acordo com o espaço-tempo. Posto isto, a instituição escolar é um espaço de interações sociais, logo, também de conflitos e violências. Embora o ambiente escolar seja visto como espaço para o crescimento intelectual e moral, concomitantemente, constitui um espaço de risco, visto os dados atuais a respeito da violência nesse espaço. Sendo assim, diante das especificidades e nuances do que se concebe por violência escolar, tais interações sociais podem ser atravessadas por violências que nem sempre se tornam visíveis, como a violência psicológica.

De acordo com Charlot (2002), é preciso distinguir as violências nessa perspectiva educacional em três conceitos, (a) violência à escola, que concebe a violência contra a escola, como a desvalorização ou depredação do espaço escolar; (b) violência da escola, que significa a violência que parte dos agentes educacionais por meio da exclusão, discriminação, sadismo pedagógico e uso indevido do poder; e por fim, (c) violência na escola, que condiz com relações sociais violentas estabelecidas dentro desse espaço.

Além disso, cabe ressaltar que dentro dessas violências explicitadas, segundo Abramovay (2003), alguns aspectos são significativos para o âmbito educacional, como: a prática educacional; questões de gênero; relações raciais e étnicas; situações familiares; influências dos meios de comunicação; o espaço social que as escolas estão inseridas; as regras e as disciplinas dos projetos pedagógicos propostos pela escola e seu sistema de punições e a relação entre professores e alunos. Fatores estes que contribuem ativamente para a perpetuação da violência dentro da sala de aula e demais ambientes, gerando consequências para todos que estão inseridos ou apenas participam desse contexto.

A violência psicológica, encarada como uma das mais difíceis de identificar devido a sua subjetividade, abarca as demais definições de violência, como verbal, física e simbólica. Em vista da sua difícil identificação, pode ser negligenciada até mesmo por quem sofre, por não conseguir perceber claramente seus efeitos, mascarados pelo controle, humilhação, ironias, ofensas, discriminação, intimidação, ameaças etc., sendo perpetrada pela mobilização emocional e psicológica da pessoa vitimizada, inferiorizando e anulando a outra pessoa, tornando-a dependente e com sentimento de culpa. De acordo com Faleiros e Faleiros (2008, p.37):

A violência psicológica situa-se no conceito geral de violência como uso ilegítimo da autoridade decorrente de uma relação de poder. Assim, no lugar de oferecer a proteção, que é o seu dever, o adulto se relaciona com a criança por meio da agressão verbal ou psicológica e do domínio, substituindo e invertendo o papel que dele se espera.

Segundo Stevens (1999), os danos da violência psicológica no desenvolvimento da criança têm consequências no plano psicológico. Os impactos podem ocorrer no desenvolvimento da personalidade, dificuldade em confiar e criar laços na construção de relações sociais, baixa autoestima, depressão e suicídio. Frankowski e Weiner (2002) ilustram como consequências da violência psicológica para o desenvolvimento infantil, prejuízos nas seguintes áreas: pensamentos intrapessoais, saúde emocional, instabilidade emocional, problemas em controlar impulso e raiva, transtorno alimentar, abuso de substâncias, comportamentos antissociais, problemas de apego, baixa competência social, baixa simpatia e empatia pelos outros, delinquência, criminalidade, baixa realização acadêmica, prejuízo moral e saúde física.

Ademais, Gagné (et al., 2007), relata que o impacto da violência psicológica no desenvolvimento provavelmente leva a criança sofrer grande dificuldade no aspecto social e de escolarização durante seu desenvolvimento, uma vez que esses atos infligem dor emocional como medo, humilhação e angústia. Contudo, não pode ser compreendida como apenas um fato que ocorre entre agressor e vítima, tampouco como ocorrência exclusiva da sala de aula, sendo um dilema bem mais amplo que envolve questões de saúde pública, culturais e sociais, do sistema de ensino e também do Poder Judiciário.

Discorreremos, de forma detalhada e apontando os resultados, sobre os três ateliês pertencentes ao grupo “Nós e os corpos”, que teve como objetivo discutir violência psicológica. Especificamente nesses ateliês, a mudança da relação entre o aluno e a violência psicológica é proporcionada por vias verbais (discussão) e não-verbais (produção artística). A finalidade do trabalho é a mudança da relação entre o sujeito e o objeto consta na subjetividade do aluno.

Ateliê 1: “Marcado”

No ateliê 1 tratou-se da violência psicológica por meio de tinta guache, sulfites, telas, pincéis e quaisquer outros materiais dispostos no espaço (em alguns casos, grama, graveto, pedra e afins), de modo que, cada aluno tivesse a experiência de trabalhar com a tinta de maneiras não convencionais, sem direcionamentos ou restrições. Enquanto isso, se estabeleciam diálogos sobre a padronização do pintar e sobre a violência psicológica, norteando-se com perguntas como: Como definiriam a violência psicológica? E na escola? Conseguem dar exemplos de violência psicológica na escola? Quais as formas de lidar com essas ações?. A discussão não é inteiramente conduzida pelos facilitadores, para que os adolescentes tenham espaço e liberdade de levar para discussão aquilo que lhes é pertinente e de interesse.

Com o intuito de possibilitar aos alunos experimentar o descontrole da tinta na superfície e observar como ela pode ser manipulada por eles, bem como, conversar sobre o que entende por violência e, especificamente, a psicológica, apresentando que não há consenso da definição e que pode ser diferente para cada um, pois é subjetiva. Ademais, propõe-se refletir sobre como é difícil controlar o que sentimos, pois as relações se estabelecem em diversas direções e como as marcas são influenciadas pelo exterior, por pessoas, por outras relações e situações, fazendo desta forma uma analogia a atividade artística em questão.

Da mesma maneira que a água alimenta e guia a tinta pelo papel, nossas relações podem mudar a maneira como simbolizamos e como somos marcados pelas

violências psicológicas. Em discussão, questiona-se se podemos nos libertar das marcas da violência ou se aprendemos a elaborar elas, de forma a aprender e resignificá-las. Conversamos também sobre outras formas de violência e salientamos marcas não são resultados apenas de violências físicas, encorajando os alunos a socializarem sobre vivências pessoais, caso estivessem dispostos e se sentissem seguros.



Figura 1. Tela produzida com tinta guache por um aluno do Ensino Médio. Ateliê 1.

Fonte: autoras.

Todos estes ateliês foram desenvolvidos em espaços externos à sala de aula, como pátio da escola ou área da quadra. De início explicávamos como aconteceria a atividade do dia em questão e quais materiais seriam disponibilizados, mas esclarecemos que poderiam utilizar quaisquer outros. Após darmos as folhas os alunos começavam a experimentar a tinta no papel, de formas não convencionais, sem utilizar pincéis e materiais específicos para pintura, apenas movimentando a folha e a tinta sobre ela. Neste momento, colocávamos perguntas como: O que vocês sentem com essa forma de pintar? Os alunos responderam que não sabiam nomear o que sentiam, mas que estavam gostando de experienciar uma forma nova de trabalhar com a tinta, da qual eles não tinham total controle. Continuamos perguntando sobre os sentimentos e pedimos para que eles dissessem uma palavra que descrevesse aquele momento de pintura, algumas delas foram: bagunça, diversão, liberdade, alegria.

Conversávamos sobre como é não ter o controle das coisas e introduzimos a violência psicológica e pedimos para que os alunos a descrevessem em uma palavra, foram elas: traumas, sequelas, opressão. E continuaram falando sobre, dizendo que nem sempre se sabe que está sofrendo violência psicológica, nem mesmo se é vítima ou agressor e que é difícil se posicionar enquanto vítima. Neste momento, uma aluna trouxe um relato de um professor do ensino médio que inferioriza as universidades particulares, pressionando-os a serem aprovados em uma universidade pública, desmerecendo quem estuda em universidades privadas. Após esse primeiro contato com a tinta, disponibilizamos aos alunos uma tela para que eles continuassem experimentando as tintas de forma não convencional e seguimos perguntando qual relação teria a violência psicológica com as tintas que eles estavam experimentando.

Obtivemos respostas como: “Colocar o que a gente sente no papel é algo subjetivo de cada um; Sentimento de liberdade por poder ser nós mesmos; A violência

psicológica pode acontecer de forma inesperada e marcar como a tinta”. Posteriormente, perguntamos como estava se dando o processo criativo na tela, ao passo que responderam: “Está sendo relaxante e triste por não conseguir controlar o que vai se formar no final; Inovador; Expressivo.” Posto isto, este ateliê provocou reflexões sobre o controle das relações que estabelecemos em nossas vivências, de modo que estão submetidas a possíveis situações de violências psicológica. Em vista disso, cabe ressaltar a importância de identificar nas ações internas e externas situações violentas, meios de lidar com elas e formas de não perpetuá-las.

Ateliê 2: “Eu e eu mesmo”

No ateliê “Eu e eu mesmo” foram apresentadas algumas obras de Susano Correia. O artista possui galerias com diversas imagens que retratam, de forma impactante e incômoda, frases e temas do cotidiano, como ilustra a **Figura 2**.



Figura 2. “Homem com profunda sede de si” (Susano Correia).

Fonte: autoras.

A proposta deste ateliê consiste em, por meio da apreciação das ilustrações do artista, o grupo deveria pensar sobre os sentimentos elucidados e criar nomes para os desenhos, refletindo sobre como se identificam ou não com elas. Para isso, ilustrações foram expostas e o grupo pode observá-las e compartilhar seus sentimentos em relação a cada uma, expressar a primeira palavra que lhes vem à mente, falar se gostam ou não, se acham agradável, bonita, feia, criar hipóteses para o que o artista buscava representar e nomear cada imagem (o tempo de exposição de cada imagem dependeu do quanto o grupo interagiu com elas).

Os grupos relataram que as imagens transmitiam angústia, alguns deduziram que Susano estava passando por momentos difíceis quando desenhava algumas das ilustrações, eles associavam os sentimentos à depressão e fizeram reclamações, em dois grupos integrantes pediram para que mostrássemos imagens “mais

agradáveis”. Em duas imagens em particular os estudantes tiveram interpretações opostas, em “Homem com profunda sede de si”, uma parte analisou que o personagem tirava algo do poço, e que esse algo poderia se tratar de sentimentos ruins, já outros, interpretaram que ele colocava algo, que podia ser tanto bom como ruim; em “Homem procurando lugar para se esconder de si, em si”, alguns estudantes acharam que o personagem cavava um buraco para depositar algo, enquanto outros, que ele enterrava.

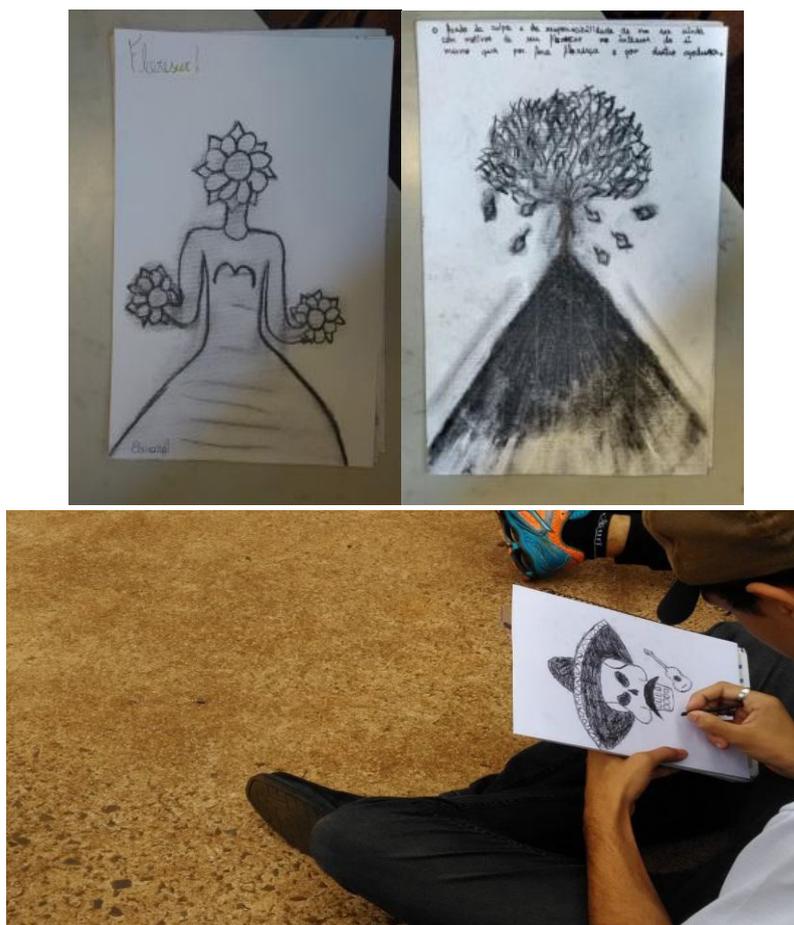


Figura 3. Autorretratos produzidos com carvão por alunos. Ateliê 2.

Fonte: autoras.

Optamos por selecionar melhor as imagens e retirar aquelas que causavam maior espanto, o que nos preocupava em relação a elas era o fato do choque ser muito grande, podendo gerar ou fazer com que os estudantes resgassem sentimentos ruins muito fortes, os quais não seríamos capazes de conversar adequadamente sobre por não termos formação específica e nem tempo para lidarmos. Pensando nisso, colocamos ilustrações selecionadas do artista Tim Burton, por tratarem dos mesmos temas e serem mais coloridas. Essa mudança gerou contraste em relação as imagens do Suzano que eram, em sua maioria, em preto e branco.

Na sequência, pedíamos aos estudantes que escrevessem em uma folha as primeiras palavras que pensavam diante de cada imagem, deste modo, mesmo se não falassem, iriam pontuar suas impressões. Algo curioso que notamos nas observações do grupo pós-mudança foi que não observaram as ilustrações com a mesma

carga pesada negativa que os anteriores. Estes não associaram as ilustrações de Suzano com a depressão, mas interpretaram que algumas ilustrações carregavam melancolia, tristeza e grande reflexão de si. Em relação às obras de Tim Burton, o grupo expressou estranheza e entenderam as ilustrações como representações de inúmeros sentimentos guardados.

Por fim, no último momento, foi entregue carvão e papel vergê no qual os alunos deveriam desenhar um auto retrato e depois falar sobre a experiência. Vale ressaltar que as mediadoras pontuaram o fato de que seria interessante fugir do convencional de desenhar um rosto humano e que a ideia do autorretrato era que eles representassem e expressasse no papel os sentimentos corriqueiros/que estavam sentindo no momento/sentimentos que foram marcantes para eles em determinado ponto de suas vidas.

A escolha do carvão se deu pelo fato do instrumento não ser muito comum no cotidiano das escolas, a maior parte deles gostou bastante e exploraram as possibilidades do carvão (borrar). A finalização do exercício consistiu no compartilhamento da ilustração por parte dos alunos e da nomeação da obra. Neste momento também houve uma conversa, pautada nas seguintes perguntas norteadoras:

- Vocês expressam, verbal ou não, o que os incomoda? E o que os agrada?
- Sentem que possuem um espaço seguro e tem apoio para se expressar? Na escola? E em casa? Entre os amigos?
- Possuem meios de escape para extravasar e externalizar os sentimentos? Sim: quais? Não: acham importante ter/ já tentaram alguma forma?

Em relação ao resultado final, os desenhos ficaram bastante interessantes, se fossemos separá-los em grandes grupos é possível caracterizar os que refletiam dicotomias do ser (bom e ruim/ triste e feliz, neste ponto vale ressaltar que eles pontuaram muitas vezes se sentiam pressionados a parecerem felizes o tempo todo, o que lhes obrigava usar “máscaras”); os que tratavam das incertezas e certezas da finalização da etapa escolar, em relação à “que caminho seguir”; os que representavam o resgate de si mesmo e os que expressavam diversas de emoções.

De modo geral, os integrantes de todos os grupos relataram que a experiência foi boa, que olhar para si era um movimento positivo, entretanto uma aluna, que representou em seu autorretrato a incerteza em relação ao caminho que deveria percorrer quando terminasse o Ensino Médio, expressou que achou o exercício negativo, pois a fez pensar de forma intensa em questões que a deixam preocupada. Enquanto os estudantes compartilhavam as obras e conversávamos, foi possível discutir sobre violência psicológica e associá-la com a importância da expressão, compartilhamento sentimentos e ouvindo pessoas que veem neles, alguma forma de apoio. Durante todo o processo foi possível identificar que os grupos, de maneira generalizada, enxergam a arte como forma de expressão humana, essencial para a vida.

Ateliê 3: “Anormalidade é normal”

No terceiro e último ateliê, trabalhamos a partir de jogos de mímica, em dupla e individual. A proposta sempre ocorria no lado externo da escola, para acessar o ambiente escolar como um todo e explorar esse espaço, trazemos para os grupos a proposta de que realizem o jogo da mímica, a princípio sem saber o tema e sem dar

qualquer direcionamento ou associação do mesmo para a suas vivências. A atividade era com base em profissões, como: modelo, músico, químico, escritor, entre outras. Cada qual realizava a atuação de acordo como entendia tal profissional. Durante a apresentação, os facilitadores fizeram perguntas norteadoras como “O que vocês acham dessa profissão”? Como você vê essa profissão? Como agiria se fosse tal profissional? O que eles fazem”.

A atividade foi dividida em dois momentos, da mímica individual e em duplas. Após o fim do jogo, fazíamos alguns questionamentos para que eles trouxessem para as suas vidas como sua profissão, escolhida no Projeto de Vida, era vista por outras pessoas. A discussão se estendeu sobre a normatividade do fazer e dos corpos imposta socialmente. Problematicamos também o que consideramos normal e anormal e como a cultura nos impõe diversos padrões. A discussão caminhou para os mais diversos tópicos, desde desvalorização de profissões até exclusão social.

Foi então o momento que vimos o amadurecimento dos grupos. Foi possível notar a compreensão de que construímos, ao longo das três semanas, um espaço livre de julgamentos e acolhedor ao trabalharmos essas questões, cada aluno pontuou o que almejava profissionalmente e como a sua escolha era vista pela sociedade e família. Uma das principais angústias apontadas foi a escolha de suas profissões, que muitas vezes, é imposta por familiares, que se baseiam no reconhecimento social e financeiro dado a determinados profissionais.

Além disso, conversamos sobre os estereótipos que são criados em todas as profissões. Uma das profissões que todos os grupos adivinharam com maior facilidade foi a de modelo, quando o grupo refletiu sobre esse fato algumas hipóteses foram levantadas, pois todos representaram mulheres extremamente magras, altas e que tinham o trabalho resumido a desfiles e passarelas. Após essas constatações, conversamos sobre como esse cenário tem mudados nos últimos e como nós também reproduzimos diversos estereótipos, ressaltando a importância de questioná-los. Por fim, os adolescentes compartilharam os estereótipos que as pessoas colocam sobre eles e como lidam com isso. Conversamos, também, sobre como isso pode ser violento psicologicamente, quanto nos limitamos, nos podamos ou nos recriminam em vários aspectos da vida.



Figura 4. Papéis da instrução das mímicis. Ateliê 3.

Fonte: autoras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste relato de experiência tivemos a oportunidade de compartilhar o trabalho desenvolvido com estudantes dos Ensinos Fundamental e Médio e concretizarmos uma experiência de ensino e aprendizagem enriquecedora para nosso processo formativo como de pesquisadoras e futuras profissionais. Além disso, podemos agregar experiências no âmbito pessoal. O ambiente escolar é um campo de pesquisa muito rico que pode proporcionar a convergência da teoria com a prática, através da parceria entre universidade e escola.

A socialização com professores e funcionários da escola participante possibilitou o contato com suas práticas e a compreensão do processo educativo presente nesse ambiente. Concomitantemente, estar em contato com agentes educacionais em outros espaços educativos como sala dos professores, secretária, pátio, corredores e cantina, foi tão importante quanto a realização desta experiência de extensão universitária.

A articulação entre nós, facilitadoras dos ateliês, ajudou a construir as atividades acerca da violência psicológica e de produções artísticas, que foram produtoras de conhecimentos mútuos. No desenvolvimento dos ateliês pudemos refletir sobre as práticas que são necessárias, além das pedagógicas, no contexto escolar, como: paciência, perseverança, alteridade e compreensão - essenciais para manter uma convivência harmoniosa e propiciar um ambiente pacífico e acolhedor para o processo de aprendizagem.

Cabe ressaltar que o contato com os adolescentes e jovens foi uma relação de ensino e aprendizagem que nos acrescentou maior experiência em nosso processo de formação profissional, podendo observar nossas dificuldades e habilidades, melhorar nossos pontos fracos e exaltar os positivos, para assim, moldar nossa construção formativa por meio das experiências vivenciadas.

As rodas de conversas sobre a violência psicológica trouxeram relatos e experiências que os alunos detinham em suas trajetórias. Nesses momentos, observamos o envolvimento e empatia do restante da sala em cada fala do colega, dando a oportunidade da disciplina eletiva ajudar os adolescentes a ressignificar sentimentos e vivências, mudando a compreensão e ação dos alunos. Articulando entre conversas sobre este tipo de violência e produções artísticas, os alunos se sentiram à vontade para compartilhar e também tirar dúvidas que antes, diante do cotidiano escolar, não tinham espaço para fazer.

O compartilhamento de falas e sentimentos e a valorização da individualidade de cada aluno colabora para a construção dos conhecimentos propiciados no ambiente escolar. Pontua-se então, a necessidade do contexto escolar viabilizar mais desses espaços de para os alunos, que preze e legitimize os sentimentos e as relações sociais e interpessoais, observando contextos externos aos pedagógicos que também influenciam no processo de formação e aprendizagem dos alunos.

Todos os alunos do ensino básico participaram de forma espontânea, partilhando suas percepções sobre o contexto e o tema discutido. No decorrer do grupo, com o vínculo criado, eles se mostraram cada vez mais confortáveis em compartilhar. No final de cada ciclo de 3 semanas e atividades propostas, as mediadoras sempre perguntavam para os alunos o que pensavam dos ateliês que vivenciaram, o que mudariam ou que possa ter gerado desconforto neles. Todos os grupos deram

devolutivas positivas, relatando a oportunidade de realizar atividades das quais não realizam na escola, assim como a pintura da tela e o desenho com carvão. Em geral, os relatos apontaram que construíram-se momentos produtivos e que agregaram a eles muitas experiências e reflexões, conseguiram notar o quanto a violência está presente em seus cotidianos e muitas das vezes passa despercebida. O ateliê da mímica trouxe esse impacto, uma vez que eles não se imaginavam como reprodutores de padrões e estereótipos. Ao chegar nesse ponto de reflexão, se torna possível discutir sobre violência psicológica, dando ênfase à importância de se expressar, buscando pessoas que os apoiem e notamos que eles entenderam o quão importante é ter esse apoio.

O uso da produção artística se mostra um recurso potente por nesse momento da vida estar distante do cotidiano dos adolescentes, que facilmente se engajam, dadas as múltiplas possibilidades de fazer ali apresentadas. Os assuntos, mais trazidos por eles do que ofertados pelos facilitadores, fazem com que a conversa permaneça interessante e se sustente. A pouca intervenção verbal dos facilitadores possibilitou aos alunos a oportunidade de falar, contrariando o que é permitido em outros espaços, onde eles estão inseridos e referem não se sentirem ouvidos.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, M. Cotidiano das escolas: entre violências. Brasília: UNESCO, **Observatório de Violência**, Ministério da Educação., 2005.
- CHARLOT, B. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão, **Sociologias**, v.4, n° 8, p. 432-443, 2002.
- DEBARBIEUX, E. Violência nas escolas: divergências sobre palavras e um desafio político In: DEBARBIEUX, E; BLAYA, C. (Orgs.). **Violência nas Escolas e Políticas Públicas**. Brasília: UNESCO, p. 59-92, 2001.
- FALEIROS, V. P.; FALEIROS, E. S. **Escola que protege**: enfrentando a violência contra crianças e adolescentes. 2. ed. Brasília, 2008.
- FRANKOWSKI B. L., WEINER L. B. Committee on School Health the Committee on Infectious Diseases. American Academy of Pediatrics. Head lice. **Pediatrics**., v. 10, n° 9, p.269- 272, 2002.
- GAGNÉ, M-H.; DRAPEAU, S.; MELANÇON, C.; SAINT-JACQUES, M. C.; LÉPINE, R. Links between parental psychological violence, other family disturbances, and children's adjustment. **Family Process**, v. 46, p. 523-542, 2007.
- MARTÍN-BARÓ, I. Violencia y agresión social. In: MARTÍN-BARÓ, I. Acción e ideología. **Psicología social desde Centroamérica**. 8ª ed. San Salvador, El Salvador: UCA, 1997.
- MIGLIORIN, C. **Inventar com a diferença: cinema e direitos humanos**. Niterói: Editora da UFF, 2014.
- OLIVEIRA, É. C.; MARTINS, S. T. F. Violência, sociedade e escola: da recusa do diálogo à falência da palavra. **Psicologia & Sociedade**; v. 19, n° 1, p. 90-98, 2007.
- PIVA, M.; SAYAD, A. Alta tensão. **Educação**, São Paulo, v. 26, n° 227, p. 34-45, 2000.
- RIOLFI, C. R. **Escola e violência**: uma dúzia de pontos para pronto socorro. Campinas: Unicamp, 1999.
- ROCHA, M. L.; AGUIAR, K. F.. Pesquisa-intervenção e a produção de novas análises. **Psicologia**: ciência e profissão, v. 23, n° 4, p. 64-73, 2003.
- ROSENBERG, M. B. **Comunicação não-violenta**: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais I Marshall B. Rosenberg. Tradução Mário Vilela. São Paulo: Ágora, 2006.
- SERRANO-GARCIA, I.; COLLAZO, W. R. **Contribuciones portorriqueñas a la psicología social-comunitaria**. Rio Piedras: Editorial de La Universidad de Puerto Rico, 1992.
- STEVENS, L.E. **Qu'est-ce que la violence psychologique?** Ottawa: Centre National d'Information sur la Violence dans la Famille, 1999.